

BULLYNG E GÊNERO: BRINCADEIRAS VERSUS AGRESSÕES

Herton Renato de Albuquerque Silva (1) Livânia Beltrão Tavares (4)

Universidade Estadual da Paraíba

herton-renato@hotmail.com

li.vania@hotmail.com

RESUMO

Durante muito tempo, a violência na escola tem se tornado algo muito comum ao longo da história sobre a educação no Brasil, principalmente entre crianças e jovens que estão em fase de desenvolvimento. Existem os vários tipos de violências, são elas verbal, psicológica ou até mesmo física. As violências que passam no campo emocional ou psicológico podem passar despercebidas no ambiente escolar, ou até mesmo na família e suas consequências podem ser devastadoras. Sendo assim é importante prestar atenção tanto para a violência física, a emocional ou psicológica, presentes no ambiente escolar. Considerar relevante qualquer queixa de agressão, mesmo que esta pareça pequena para quem está de fora da situação. Para quem foi ou se sentiu agredido com certeza não é pequena e nem sem importância. Analisar se na escola com os alunos do 1º ano, meninos que se sentem bem em brincar com objetos “femininos”, brincar com meninas o que leva os outros alunos a usarem de xingamentos, apelidos, agressões verbais do tipo “menininha”, “mulherzinha, dentre outros. Com isto pretendemos neste artigo tratar questões referentes ao bullying que está interligado com a questão do gênero e práticas sexistas que são reforçadas por alguns profissionais que atuam na área. Para tanto foram realizadas observações da rotina das crianças, principalmente no horário do recreio, com o objetivo de compreendermos como se dão às relações de gênero no dia-a-dia das crianças. A partir do diagnóstico foi possível perceber a importância que temos como educadores no papel social junto a nossas crianças de oferecer o caminho do respeito às diferenças, já que muitas vezes nos deparamos com agressões de puro preconceito, intolerância e desafeto entre crianças e jovens do nosso ambiente escolar, dessa forma devemos combater esse tipo de comportamento que na maioria das vezes, tem como pano de fundo a falta de informação, ou até mesmo preconceitos vindo da própria escola. Assim, sugerimos a escola/professor (a) que incorporasse o debate das questões de gênero desde a educação infantil perpassando por todas as séries do fundamental I, fazendo projetos, leituras críticas de livros didáticos, refletindo sobre a prática escolar na perspectiva de gênero, desenvolvendo trabalhos que abordem a violência, o bullying e práticas sexistas.

PALAVRAS-CHAVE: Violência, Gênero, Sexismo

INTRODUÇÃO

As ações do bullying podem se portar de diferentes maneiras na vida das crianças e dos adolescentes. Cada um tem uma capacidade diferente de lidar com situações desagradáveis e de agressão, sendo assim, as consequências são diferente de pessoa para pessoa, podendo assim causar problemas físicos e emocionais que acompanhariam as pessoas envolvidas por toda vida. É importante salientar que nesse caso, não só a pessoa agredida sofre, mas também os agressores e as testemunhas que também tem seu desenvolvimento e desempenho escolar, social e emocional prejudicado por esta prática.

A escola possui um papel importantíssimo no olhar crítico, referente ao comportamento dos alunos e também dos professores, que muitas vezes se calam diante algumas circunstâncias. É através desse olhar observador que a equipe pedagógica irá realizar suas intervenções perante os acontecidos. Para isso faz-se necessário que a escola traga para o seu professor informações contextualizadas, além de contribuir, oferecendo caminhos para que o educador (a) adquira mais conhecimentos.

A partir das discussões entre gênero, sexualidade e violência a escola tem um papel de desmistificação destas diferenças, já que grande parte dos profissionais reforçam praticas sexistas que acarreta em agressões verbais. Neste sentido, além de ser um importante instrumento na construção de valores e atitudes, que permitam um olhar crítico sobre esses temas, ao invés de ser um local que reforçam práticas de desigualdades e de produção de preconceitos e discriminações como destaca Louro (1997, p.57)

Diferenças, distinções, desigualdades. A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distinta. Ela se incumbiu de separar os sujeitos tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros os que ela não tinham acesso. Ela dividiu também internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização.

Dessa maneira, observamos formas, brincadeiras, brinquedos, cores para cada sexo que é estimulado no ambiente escolar. Por isso faz se necessário perceber que essas práticas acabam disseminando também certa instigação das crianças em escolher esse ou aquele material. O que não muito distante levará o colega de classe julgar o colega que tenha uma escolha diferente da “normal”. Desta forma evidencia que temos que estar atento para que não haja a desvalorização ou



a naturalização da violência, tampouco a sua valorização, pois percebe-se que muitas vezes o professor (a) se cala diante algumas circunstâncias no ambiente escolar. O que poderá levar a consequências danosas na vida do ser humano.

Nesta perspectiva, pretende-se com esta pesquisa, aprofundar a questão, buscando-se contribuir com reflexões pertinentes em relação as práticas educativas e metodológicas referentes à formação de uma educação sadia, natural e tranquila, educação essa livre de preconceitos e agressões.

Diante desse desafio que é trabalhar a sexualidade, os parâmetros curriculares nacionais trazem em 1997 em sua publicação com temas transversais a “Orientação Sexual” com o objetivo de fazer com que os alunos sejam capazes de compreender, conhecer e valorizar a pluralidade e a diversidade de gênero. Contudo isso ainda é muito forte a maneira que se educa de modo diferenciado os meninos das meninas.

Na escola, investe-se em uma determinada construção de masculinidade em que os esportes coletivos sempre é o futebol, o karatê, judô, as brincadeiras de lutas, os brinquedos, o esforço físico, a competição e certa violência consentida não são apenas esperados, como também estimulados entre os meninos; vivências que os encaminham a uma direção, produzindo um certo tipo de “menino homem”. Já nas meninas, as instituições investem na produção de uma feminilidade referente que as ensina a serem obedientes, calmas, mais tranquilas, bem mais organizadas, estudiosas, ouvintes, delicadas e avessas à agressão, prescrevendo sempre o ballet, aulas de dança como ingredientes de uma educação que produz um determinado tipo de menina feminina.

É a partir desse tipo de trabalho que acontece nas escolas, que acarreta em algumas práticas da violência do bullying. Pois bem, se a criança que não se adaptar a essa “regra” essa criança terá um nível alto de ser alvo de xingamentos, apelidos ofensivos, agressões.

Louro (p. 21) afirma que as representações construídas em torno das características sexuais, assim como “aquilo que se diz ou pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico”.

Assim, acredita-se que no momento em que a escola desenvolver uma prática, deixando de olhar apenas o aspecto biológico, rotulando os corpos de meninas e meninos o que cada sexo deverá seguir de acordo com a normatividade escolhida pelo educador, não será alimentada as diferenças e as desigualdades vividas pelos/as estudantes na escola.





A proposta de estudo nessa pesquisa, de cunho quantitativo e qualitativo, busca abordar o tema do bullying e as relações de gênero no contexto escolar, em uma escola particular da cidade de Campina Grande, PB. Para Minayo (2003, p. 16-18) “[...]. A pesquisa qualitativa não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados, envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas”

A pesquisa foi realizada com crianças, porém o alvo estudo constituiu-se de uma criança do sexo masculino do 5º ano do ensino fundamental. Também contamos com a participação de professores e da equipe diretiva da escola. Os instrumentos para produzir as fontes de pesquisa constituíram-se de observações, conversas informais com os alunos e a professora titular da sala de aula.

Primeiramente, foram realizadas observações, buscando olhar atentamente o contexto na hora do recreio, assim como o tempo que o antecedia o horário da aula e a hora da saída durante 10 dias. Essas observações tinham como objetivo captar as ações das crianças durante o recreio escolar que de algum modo caracterizavam-se como bullying, como, por exemplo, situações de agressividade em brincadeiras, situações de xingamentos, empurrões, ou seja, percepções acerca da violência nas ações de meninos e meninas. Nesses momentos ainda aconteceram conversas informais com alunos/as e com outras professoras. Tanto as observações do contexto escolar quanto as conversas informais com professoras e equipe diretiva da escola foram registradas em diário de campo.

De acordo com Carrara (2009), a importância de discutir a educação escolar a partir de uma perspectiva crítica, que traga a percepção do aluno/a nos discursos homofóbicos ou sexistas e racistas possibilitará um diálogo em sala de aula favorável à desconstrução de um contexto histórico patriarcal, heteronormativo. É com base nisto que a pesquisa realizada ressalta a importância de movimentos dentro do âmbito escolar, para assim mobilizar o corpo docente da escola, como também o corpo discente. Desta forma, estaremos instigando entre nossos alunos o respeito e tolerância entre os alunos. Falar sobre o assunto, intervindo na desconstrução de tabus existentes, é uma forma de garantir a permanência e o acesso a uma educação de respeito ao próximo como previsto na lei.

Nesse sentido, a escola é o espaço mais apropriado e privilegiado na implantação de ações que promovam o fortalecimento da autoestima e autocuidado, a preparação para vivência democrática, o respeito e a tolerância às diversidades, transformando tudo em uma melhor relação



de vida com o próximo. Portanto, seria um primeiro passo, sendo o lugar fundamental para discutir o tema da diversidade sexual.

Sendo assim, acreditamos que um dos motivos para a falta de respeito para com aquele que mantém comportamentos “diferenciado “dos normais seria a omissão dos professores e até mesmo da equipe gestora da escola, com a falta de uma formação anterior para o trabalho com o tema relacionado à sexualidade na sala de aula, muitas vezes fazendo com o que o professor não perceba ou não saiba agir com relação às discussões que acontecem dentro da sala sobre esse aspecto.

Muitas vezes a questão da sexualidade é tratada apenas nas últimas séries do ensino fundamental I (5º ano), dentro da disciplina de ciências de forma anatômica binária com os órgãos reprodutores masculinos e femininos, não fazendo menção a qualquer outro tipo de sexualidade que não seja normalizada pela sociedade e disseminada como única possível e correta. O que muitas vezes sinto como profissional de sala de aula, é que essa omissão se mescla com o desrespeito até mesmo com os professores que incentivam o desejo de se trabalhar com a temática na sala de aula, pois erroneamente isto logo precede um indício que aquele professor seja homossexual, reforçando o preconceito e sexismo dentro da instituição escolar.

Ou seja, por um lado a escola não está preparada para lidar com tal assunto, percebemos que a sociedade como um todo também falha no seu papel de respeito às diferenças sexuais, seja a família, seja a igreja, ou qualquer outra instituição.

Para tanto, é importante perceber que o bullying nesse ambiente abre um caminho de difícil volta na vida dessas crianças, já que este carregará para sempre na memória essa fase da vida, pois poderá dessa forma reproduzir futuramente a discriminação sofrida durante sua infância. Pois se esta situação causou tanto sofrimento durante criança, o mesmo poderá assimilar o desejo de querer dominar através de atitudes violentas julgando o próximo como ser inferior, diferente, e até mesmo odiado. Dessa maneira esse quadro vai se agravando, e os sintomas vão só aumentando sendo percebidos em casa, como medo, isolamento, depressão, choro, fobia pelo contato com outras crianças, pesadelos, insônias, e medo da escola sendo explicado através de mentiras para não ir a aula, diante deste quadro é importante que os pais se atenham quanto o que está havendo nesta relação entre o filho e a escola, e procurar ir à escola, conversar com os professores e a gestão escolar e também acima de tudo tecer um diálogo e contato maior com seu filho, para que dessa forma ela consiga identificar o que realmente está acontecendo com seu filho, antes mesmo que seja tarde. Abramovay(2009, p. 4) destaca que



A violência não é vivenciada apenas como atos de agressividade, e sim como o modo habitual e cotidiano de relacionamento, de tratamento do outro. Desta forma, o fenômeno passa a ser institucionalizado, comum, banalizado, caracterizando formas de agressão que, muitas vezes, são invisíveis aos olhos da comunidade escolar, mas que, apesar disso, podem ferir profundamente aquele que é vitimado, contribuindo para o surgimento de um sentimento de insegurança e impotência no ambiente escolar.

A invisibilidade e o silenciamento, nesses casos entre escola e família, seriam causa do grande índice de suicídios tendo por base o bullying, não detectado pela família, nem mesmo pela escola. O olhar observante, analítico ainda é um das melhores prevenções para com esse fenômeno assustador e devastador.

Considerações finais

Os resultados apontam para o fato que as crianças do sexo masculino parecem mais propícias nos casos que envolvem esse fenômeno, pelo fato de ser mais “difícil” de esconder seus desejos por brincadeiras, brinquedos, vestimenta. O menino nesse caso demonstra mais o desejo do que as meninas, que são ensinadas a serem discretas. Já os meninos se lançam mais cedo para esse olhar torto e discriminatório.

Porém nessa mesma proporção os meninos se destacam mais como agressores e com as vítimas, onde as meninas são menos agressivas, além de não utilizarem xingamentos, apelidos, e exclusão da criança que tente a ter amigas com o público feminino da escola, estes que ainda utilizam da força física para intimidar as suas vítimas. Revelou-se também que em quase todos os espaços da escola acontecem práticas de bullying, porém, o local de maior incidência se concentra no período do recreio escolar.

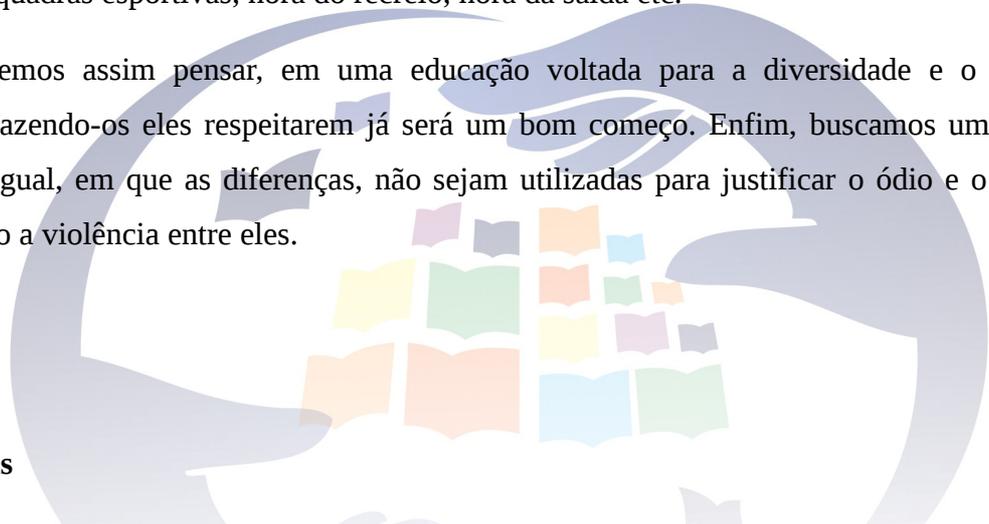
Neste sentido, esta pesquisa mostra que o bullying está associado à prática da “homofobia”, e conseqüentemente às práticas sexistas reforçadas na escola. Sendo assim, cabe à escola e comunidade em geral (professores, gestores, funcionários, pais) enfim todos discutirem e debaterem mais sobre este assunto, já que dificilmente a homossexualidade é tratada na escola e muito menos em sala de aula. É notório perceber que alguns professores preferem pensar que as tendências homossexuais das crianças irão desaparecer quando estas forem crescendo, e por isto atribuem as agressões a outros fatores, e ignoram o verdadeiro motivo de perseguições, humilhações etc.



Desta maneira, compreendemos ser de suma importância que a escola incorpore a discussão e ofereça dispositivos de debates sobre o assunto, pois não tem como combater o bullying sem entender que este é um fenômeno existente na sociedade. E que só através da promoção do encontro dos diferentes é que iremos constituir uma nova geração de crianças e adolescentes mais respeitosos, e ajudar na constituição de um país sem bullying/ homofobia e preconceitos. Apenas quando a sociedade se mobilizar em prol da cooperação de todos e que iremos modificar o quadro de violência que encontramos em nossas escolas e sociedade.

Portanto, todos os envolvidos precisam problematizar o assunto na escola, com o intuito de prevenir comportamentos agressivos em quaisquer espaços, sejam eles salas de aula, refeitórios, banheiros, quadras esportivas, hora do recreio, hora da saída etc.

Podemos assim pensar, em uma educação voltada para a diversidade e o respeito ao próximo. Fazendo-os eles respeitarem já será um bom começo. Enfim, buscamos uma sociedade menos desigual, em que as diferenças, não sejam utilizadas para justificar o ódio e o desrespeito perpetuando a violência entre eles.



Referências

ABRAMOVAY, Miriam; CUNHA, Anna Lucia; CALAF, Priscila Pinto. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino Americana, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2010b.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set. 1993.

<http://educacaopublica.cederj.edu.br/revista/artigos/diversidade-sexual-e-bullying-na-escola-desafios-e-possibilidades>

BEAUDOIN, Maire-Nathalie; TAYLOR, Maureen. **Bullying e desrespeito: como acabar com essa cultura na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2006.





II CINTEDI
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 a 18
NOVEMBRO
2016

LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB

